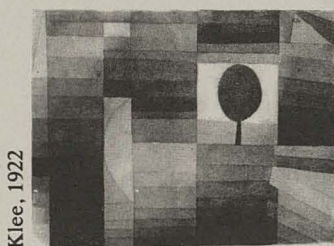


O MENSAGEIRO DO OUTONO

Carlos M. Couto S. C.



(à isabel — sempre)

(a poética do real).

ficávamos extasiados perante o seu imaginário, a ficção das cores, o mistério das superfícies, a inocência do olhar. mas era afinal o quadro que nos fitava. agora sinto que foi mercúrio quem nos traçou as primeiras linhas em conjunto, os primeiros passos, a primeira razão, foi ele quem disseminou os nossos rostos, como bússolas, orientados rumo à memória dos infantes, aos jardins que nunca morrem, à imortalidade das serpentes, ele que desbravou atalhos escondos para que os nossos corpos enfim se dessem um com o outro.

costumávamos sucumbir a esse êxtase, ali, num dos bancos do museu, diante do **mensageiro**. e restávamos horas e horas, na estaticidade e profusão do silêncio, como se o ver jamais terminasse, ou sequer tivesse vontade de acabar de ver. recomeçávamos, pois, diariamente, ali, sempre à mesma hora. encontro fatal. os nossos corpos, as nossas vidas, dir-se-iam rejuvenescer deste sangue novo, sorvido religiosamente naquele quase santuário que habitávamos, face à imensidão do deserto e petrificação da cidade em que, aos poucos, nos íamos quedando.

fomos sempre dados a rituais. o primeiro dia de outono, a repetição glorificada dos nossos primeiros encontros, a festividade dos mesmos locais atravessados, à pressa de reviver os mesmos instantes, de **vir ver**, de novo, o comportamento das chuvas — e mais: a incidência daquelas mesmas palavras, às quais, total e fatalmente, ambos pertencíamos.

uma singular relação **bi-unívoca** trespassava e prometaicamente desafiava qualquer intempérie dos ventos, a borrasca de um tempo ignóbil, o momento de uma agonia, o momento de uma tristeza, a angústia de um presente adiado e de uma lua-**em-cheio** que perderamos. mas era sim a metáfora que nos ligava. a metáfora das palavras e dos corpos. a metáfora viva. trazia-nos envoltos numa clarividência abrupta, naquela recôndita e abissal sapiência que mata, apenas igualável à invenção musical das crianças ou à dos corpos celestes.

estranha, a duração da fala: impossível quebrantar ou sequer volver o seu ritmo e o rito, a trepidência firme de ambos os espíritos, a rima e a razão de ambos os corpos, a alma atenta à mudança das estações. impossível tentativa, esta, a de copiar a magia e poética de um encontro traçado de há séculos, ainda uma **procura** que se nos vive.

tudo isto. talvez fôsse apenas o sonho (penso sempre, torno a pensar), sómente a aprendizagem desse mistério absconso, a celebração do amor, desse sortilégio infantil que a memória nos prende ainda, ou de uma palavra simples, enfim de uma “**graça**” ou sono exíguo.

e tudo isto... graças ao mensageiro do outono.

(1980)